

## O ENSINO DA NORMA CULTA NA ESCOLA: MITOS E PRECONCEITOS LINGÜÍSTICOS

### META

Discutir sobre os principais aspectos relativos ao ensino da norma culta hoje, destacando os mitos e preconceitos lingüísticos referendados pela escola ao longo dos anos.

### OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

descrever os principais aspectos inerentes ao ensino da norma culta desenvolvido nas escolas nos dias de hoje;

identificar os mais destacados mitos e preconceitos lingüísticos veiculados pela sociedade atual;

reconhecer a importância da escola na consolidação ou na dissolução dos mitos e preconceitos lingüísticos construídos ao longo dos anos.

### PRÉ-REQUISITO:

Para entender esta aula, é importante que você reveja o conceito de gramática normativa tratado na aula 5, analisando todos os pressupostos que lhes são subjacentes, a fim de que possamos compreender como a prática de ensino de língua portuguesa realçada nas escolas pode abolir ou perpetuar mitos e preconceitos lingüísticos. Ah, aproveite e também visite a seção **“Pra não dizer que não falei de mitos...”** antes da leitura da aula.



(Fonte: <http://1.bp.blogspot.com>).

## INTRODUÇÃO

Oi, tudo em ordem? Na aula passada, conversamos sobre como o entendimento que o professor tem de linguagem e de gramática pode ser decisivo na definição da abordagem de ensino de língua portuguesa na escola de Educação Básica, lembra? E aí? Tudo muito simples, não foi? Pois bem, agora discutamos um pouco sobre uma das questões mais polêmicas da aula passada: o tratamento dado à norma culta.

Como vimos, há um grande espaço para o ensino de uma gramática descontextualizada, centrada na imposição de normas e metalinguagens, de decorebas, por assim dizer. Tal ensino gera, entre outras coisas, uma dualidade, uma dicotomia severa, que separa os que sabem usar a língua considerada culta e perfeita, e aqueles que não dominam essa língua, que estão no grupo dos incultos, dos ignorantes.

Em outras palavras, o discurso veiculado pelo ensino de língua na escola, ao destacar exclusivamente uma modalidade de língua (a culta), acaba consolidando mitos, algumas crenças preconceituosas sobre a manifestação lingüística, sobre a expressão das pessoas. Vamos começar a falar um pouco sobre esse assunto?



(Fonte: <http://evangelicaonline.com.br>).

## O ESPAÇO DA GRAMATICAGEM NA ESCOLA: O “CERTO” VS O “ERRADO”



Dizer que o ensino de língua portuguesa na escola consiste, em sua maioria, numa imposição de normas gramaticais, já não é novidade para quem quer que seja, imagine para você, que tem trabalhado conosco nas aulas anteriores, não é mesmo? Pois bem, insiste-se, freqüentemente, naquilo que os tradicionalistas costumam chamar de norma “culta”.

Mas, o que vem a ser norma culta? Acaso o trabalho com essa norma, com essa gramática deve ser abolido de sala de aula? É óbvio que não, muito pelo contrário, como já apontamos na aula 05, valendo-nos das palavras de Possenti (1996), é tarefa da escola transmitir esse saber. Na realidade, nossa proposta é refletir, aqui, sobre o modo como essa tarefa tem sido desenvolvida na escola e como são inculcados os conceitos pelos alunos. A propósito:

para as pessoas que a todo momento nos perguntam: “É ou não é para ensinar gramática?”, a resposta é: se for para ensinar gramática como mera repetição da doutrina tradicional, anacrônica e encharcada de preconceitos sociais, definitivamente não é para ensinar gramática. Se “ensinar gramática” for entendido como decoreba de nomenclatura sem nenhum objetivo claro e relevante, análise sintática de frases descontextualizadas e às vezes até ridículas, definitivamente não é para ensinar gramática

Mas se por gramática entendermos o estudo sem preconceitos do funcionamento da língua, do modo como todo ser humano é capaz de produzir linguagem e interagir socialmente através dela, por meio de textos falados e escritos, portadores de discurso, então, definitivamente é para ensinar gramática, sim. Na verdade, mais do que ensinar, é nossa tarefa construir o conhecimento gramatical dos nossos alunos, fazer com que eles descubram o quanto já sabem da gramática da língua e como é importante se conscientizar desse saber para a produção de textos falados e escritos coesos, coerentes, criativos, relevantes etc. (BAGNO, 2006, p. 70)

Voltemos e pensemos no questionamento exposto há pouco: “o que vem a ser a norma culta?”. Inicialmente, destaquemos as palavras de Brito (1997):

Em certa medida, a norma culta apresentada pelos compêndios gramaticais funciona como um paradigma de correção de alguns aspectos do uso da língua (principalmente a morfossintaxe e particularidades de estilo). Pode-se dizer que a maioria das pessoas não tem um objeto claro quando se refere à norma culta, mas apenas uma representação desse objeto. (p. 56)

Afirma o autor, ainda, que os tradicionalistas costumam subordinar norma culta à representação de um padrão da escrita. Como destaca Bagno (2003b), há uma diferença nítida entre o que as pessoas, inspiradas numa tradição de ensino prescritivo da língua, chamam de *norma culta* e o que os profissionais da área entendem por essa expressão. Para tornar clarividente essa questão, o autor expõe o seguinte quadro:

¿ NORMA CULTA?	¿ NORMA CULTA?
prescritiva (normativa)	descritiva (normal)
“língua” prescrita nas gramáticas normativas, inspiradas na literatura “clássica”	atividade linguística dos “falantes cultos”, com escolaridade superior completa e vivência superior urbana
preconceito (baseia-se em mitos sem fundamentação na realidade da língua viva, inspirados em modelos arcaicos de organização social)	conceito ( <i>termo técnico usado em investigações empíricas sobre a língua, co-relacionadas com fatores sociais</i> )
doutrinária (compõe-se de enunciados categóricos, dogmáticos, que não admitem contestação)	científica ( <i>baseia-se em hipóteses e teorias que devem ser testadas para, em seguida, ser validadas ou invalidadas</i> )
pretensamente homogênea	essencialmente heterogênea
elitista	socialmente variável
presa à escrita literária, separa rigidamente a fala da escrita	se manifesta tanto na fala quanto na escrita
venerada como uma verdade eterna e imutável	sujeita a transformações ao longo do tempo

Como percebemos no quadro acima, a expressão *norma culta* é venerada por aqueles que pouco ou nada se preocupam com a descrição científica da língua, sendo sua maior preocupação apenas impor regras a serem

seguidas. Regras essas que fixam mitos lingüísticos, estigmatizando preconceitos que se reproduzem socialmente e criam diferentes escalas abusivas de separação: a) de um lado, os falantes cultos (os que sabem a língua); b) de outro, os incultos, os populares (que não sabem usar eficientemente a língua).

A propósito da referência a esses mitos, Bagno (2003a) destaca a existência de ao menos 8 (oito) que são comumente veiculados no Brasil:

Mito nº1

“A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”;

Mito nº2

“Brasileiro não sabe português / Só em Portugal se fala bem português”;

Mito nº3

“Português é muito difícil”

Mito nº4

“As pessoas sem instrução falam tudo errado”

Mito nº5

“O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”

Mito nº6

“O certo é falar assim porque se escreve assim”

Mito nº7

“É preciso saber gramática para falar bem”

Mito nº8

“O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”

Ora, quem aqui nunca se viu falando um das afirmações acima? Mas, você poderia nos questionar por que tais falas são mitos, não é mesmo? Pois bem, como o próprio nome já diz, a palavra *mito* vem do grego *mythos*, ‘fabula’ (no latim *mythu*) e corresponde, entre outros, a uma “idéia falsa, sem correspondente na realidade”, a uma “imagem simplificada de pessoa ou de acontecimento, não raro ilusória, elaborada ou aceita pelos grupos humanos, e que representa significativo papel em seu comportamento”. (FERREIRA, 2006).

Sem dúvida, ao tratar de quaisquer das falas citadas, estamos diante de um *mito*, afinal, estamos lidando com algo sem qualquer valor científico. Acaso alguém já leu ou ouviu falar em alguma pesquisa séria da área de linguagem que mostre que o “O português é muito difícil” ou, ainda, que “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”? O

que você pode ter ouvido em torno desse assunto representa parte de um conjunto de afirmações pouco consistentes, sem rigor científico e com excessiva carga de valores excludentes.

Pensemos no primeiro desses mitos, o de que a língua portuguesa apresenta uma unidade surpreendente. Êpa, não lhe parece absurdo falar em unidade, quando se percebe no dia-a-dia uma variedade linguística tão grande que, às vezes, até chega a criar conflitos comunicativos? Em Sergipe, por exemplo, talvez seja pouco ou nada usado o termo “fiteiro”, na referência a um “quiosque” (enquanto lugar onde se vendem balas, chocolates, pipocas...), na Paraíba, porém, quase não se usa outro termo para essa referência. Todos falam: “vou ao fiteiro”, “se passar no fiteiro, traz algo para mim”. Com essa conotação, o uso desse termo em Sergipe, ao que parece, não tem sentido algum.

Ora, se estamos falando de Nordeste e as correspondências semânticas não são as mesmas, imaginemos como isso se comporta no resto do Brasil!!!! Pode gerar confusão, não é mesmo? Claro que uma confusão que pode ser facilmente desfeita, mas isso não anula a diferença, a diversidade, a riqueza da não “unidade surpreendente”, da variação, por assim dizer.

E quanto ao segundo mito (“Brasileiro não sabe português / Só em Portugal se fala bem português”), por ventura já caiu na tentação de fazer essas assertivas? Ora, se você é brasileiro e está entendendo este texto, obviamente, domina o português. Com bem destaca Bagno (2003a), o brasileiro sabe (e muito bem!) português. A diferença é que modalidade linguística que se convencionou chamar de Português, aqui no Brasil, distancia-se sensivelmente do idioma Português falado em Portugal, que, por sua vez, também não é homogêneo, como muitos podem pensar.

Embora as diferenças também figurem no plano da modalidade escrita, são mais visíveis na língua falada. Fato que implica grandes dificuldades de compreensão entre portugueses e brasileiros.

Respeitadas as diferenças, fruto das misturas linguísticas que caracterizam a consolidação do idioma oficial nos dois países, não podemos assumir uma postura de subserviência ao falar do colonizador, mas devemos assumir que o brasileiro sabe falar seu português sim, dada a sua expressão nas mais diversas situações de interação nesse idioma. O que precisamos entender, na realidade, é que nosso português difere daquele que é falado em Portugal e que isso não diminui em nada seu valor, pelo contrário, demonstra que, da colonização pra cá, muito ganhamos (e temos ganhado!) pelo contato com outros falares aqui vivenciados e hoje ostentamos o luxo da diferença, da diversidade linguística.

A propósito de falarmos em diferença, iniciemos a discussão sobre o terceiro dos mitos acima apontados: o de que o Português é muito difícil. Que história de dificuldade é essa? Pura “conversa para boi dormir”, em bom nordestinês (rs). Como podemos afirmar que nosso idioma é difícil,

se o usamos todos os dias, nas mais variadas circunstâncias comunicativas? Que tal começarmos a assumir que difícil é ter que decorar regras e conceitos pouco explorados no nosso dia-a-dia?

Pois bem, eis o que acontece: nós confundimos a dificuldade em lidar com um tratamento prescritivo instituído pela tradição do ensino de língua no Brasil com o que, de fato, representa o nosso *Português*. Como já vimos em aulas anteriores, esse ensino não costuma priorizar o contato com as unidades de língua faladas no Brasil, centrando-se tão somente na repetição de normas e metalinguagens pouco usadas nas práticas corriqueiras de linguagem. Em outras palavras, um ensino cuja ênfase é dada ao culto do preconceito, à imposição do que é certo, em detrimento do que se considera erro.

Ancorada nessa cultura do certo vs errado e, claro, decorrente do mito de que, no Brasil, “há uma unidade de língua surpreendente”, reside a noção de que “*as pessoas sem instrução falam tudo errado*”. Tadinhas, não é mesmo? Essas pessoas têm culpa do não acesso à escolarização, ao conhecimento protocolar instituído pela escola?

Cientificamente falando, muito do que se condena como incerto, inculto ou mesmo como ignorância, pelos puristas da língua em relação àqueles cujo falar difere da modalidade de língua idealizada (a que muitos chamam de *norma padrão*), já esteve, em algum estágio de evolução do sistema lingüístico, caracterizado como “culto”. É o que acontece, entre outros casos, com a transformação do L em R nos encontros consonantais expressos em *fror*, *ingrês* e outros. Em verdade,

Se fôssemos pensar que as pessoas que dizem *Cráudia*, *chicrete* e *pranta* têm algum “defeito” ou “atraso mental”, seríamos forçados a admitir que toda a população da província romana da Lusitânia também tinha esse mesmo problema na época em que o português estava se formando. E que o grande Luís de Camões também sofria desse mesmo mal, já que ele escreveu *ingrês*, *pubricar*, *pranta*, *franta*, *frecha* na obra que é considerada até hoje o monumento literário do português clássico, o poema *Os Lusíadas*. E isso, é “craro”, seria no mínimo absurdo. (BAGNO, 2003a, p. 41).

Bom, cheguemos aos mitos de número 5 (“O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”), 6 (“O certo é falar assim porque se escreve assim”) e 7 (“É preciso saber gramática para falar e escrever bem”) e então constatemos ainda mais um conjunto de inverdades alimentadas ao longo de décadas. Em nome de que isso acontece? Em nome da ajuda que a própria escola deu àqueles que se sentem competentes o suficiente para pensar sobre a língua e, claro, para impor aquilo que lhe era (e é) conveniente. Comentemos.

O mito de que o Estado do Maranhão é palco à melhor manifestação lingüística do Brasil é, como realça Bagno (2003a), de pouco valor cientí-

fico e, no mínimo, inconseqüente. Em tal Estado da Federação, usa-se com freqüência o pronome *tu* ao lado das formas verbais instituídas como clássicas pela gramática normativa da língua portuguesa.

Como, na maioria dos Estados brasileiros, o sistema pronominal português<sup>1</sup> em muito se afasta dos moldes previstos por tal gramática, alguém, em algum momento da história, resolveu dizer que o Maranhão tem o melhor português do Brasil e isso virou moda, ganhando espaço na boca de muitos. Em termos científicos propriamente ditos, temos diferentes falares, sem qualquer referência às formas superlativas “melhor” ou “pioor”.

Analogamente, o mito de número 6 acima destacado denota, sem medo de errar, desconhecimento de causa e efeito no trato com as formas linguísticas. Afinal, em sendo a língua um lugar onde a diversidade se manifesta, nada mais comum de que pronúncias e sintaxes diferenciadas. E quem disse que devemos falar da mesma forma como escrevemos? A ortografia nada mais é do que uma tentativa de convencionalização da fala, e não, necessariamente, seu retrato fiel.

Muito do que chamam defeitos por aqueles que pouco ou nada se preocupam com um rigor científico na análise dos fatos linguísticos tem ganhado espaço, cada dia com mais evidência, na descrição de estudiosos da área de linguagem. Fenômenos fonético-fonológicos do português têm sido respaldados e apresentados à comunidade científica como “normais”, explicáveis em função de razões próprias.

Ilustremos, aqui, o caso da pronúncia da palavra “menino” como “mininu”, em algumas regiões do Brasil, em que “e” é substituído por “i”. E daí? Trata-se de uma harmonização vocálica, uma tendência à assimilação. Você poderia me perguntar: o que é isso? Como você já deve ter visto em Fonologia da Língua Portuguesa, trata-se de um processo em que “um fonema adquire traços articulatórios novos pela influência de outro contíguo...” (CÂMARA JR., 1986, p. 62). Na prática, a “vogal média alta pretônica cede espaço à correspondente alta da mesma zona articulatória por influência de uma vogal também alta”<sup>2</sup>. (CAVALIÈRE, 2005, p. 52).

Também podemos observar que, na pronúncia “mininu”, ocorre uma neutralização, à medida que “em um ambiente fonológico determinado, dois ou mais fonemas perdem distinção entre si” (CAVALIÈRE, 2005, p. 50). Nesse caso, entre /o/ e /u/ átonos finais. Viu? Para tudo tem uma explicação.

Mas, cheguemos ao mito 7: será mesmo que “*É preciso saber gramática para falar e escrever bem*”? Muito provavelmente, você já intuiu essa informação muitas vezes, afinal, a escola fez (e ainda faz!) a gente acreditar nesse tipo de informação. Muitos escritores testemunham a não correspondência entre tais domínios. Só para ilustrar: eis alguns trechos do texto “O gigolô das palavras”, escrito por Luís Fernando Veríssimo, em 1982:

“Respeitadas algumas regras básicas da Gramática, para evitar os vexames mais gritantes, as outras são dispensáveis. A sintaxe é uma ques-



tão de uso, não de princípios. Escrever bem é escrever claro, não escrever certo. Por exemplo: dizer “escrever claro” não é certo mas é claro, certo?...”

“(...) a intimidade com a Gramática é tão dispensável que eu ganho a vida escrevendo, apesar da minha total inocência na matéria. Sou um gigolô das palavras”.

“Um escritor que passasse a respeitar a intimidade gramatical das suas palavras seria tão ineficiente quanto um gigolô que se apaixonasse pelo seu plantel. (...) A Gramática precisa apanhar todo dia para saber quem é que manda”.

Como apontado por Veríssimo, é falso supor que o conhecimento de gramática normativa é condição sine qua non para um bom desempenho (fala ou escrita) do aluno frente às situações de comunicação, das práticas efetivas de linguagem. Na realidade, o falante (aluno), como vimos na aula 5, já domina um conhecimento inconsciente que orienta sua prática de linguagem, tendo um aparato lingüístico que lhe permite identificar o que é (ou não) possível de realização na sua língua. Precisa, portanto, de situações que propiciem o exercício pleno das modalidades oral e escrita da língua, e não de “receitas” de gramática. Como afirma Menezes (1995, p.81):

A situação que estamos examinando pode tornar-se mais clara se compararmos com a de uma pessoa que, de repente, se dá conta de que precisa de óculos, dirige-se ao oftalmologista, toma ciência do diagnóstico e passa usar lentes corretivas. Para voltar a enxergar melhor, o deficiente visual não teve de fazer nenhum curso de oftalmologia, bastou-lhe usar as lentes adequadas.

E agora? O que dizer do que ouvimos ao longo dos anos? Apenas que se trata de mais um mito consolidado pela escola, enquanto instituição responsável pela divulgação do saber científico. Está na hora de chamarmos a atenção para a assertiva de que “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”.

Bom, sem muito blá-blá-blá, basta que observemos, como lembra Bagno (2003a), na pirâmide socioeconômica do país, a posição ocupada por professores de português, para entendermos que o domínio da chamada “norma culta” não representa garantia de uma ascensão social, não é mesmo? Afinal, o professor tem um dos salários mais baixos do país. Ora, ora, mais um caso de política no ar, mas não entremos no âmbito dessa discussão.

Todos esses mitos, quase sempre, são apresentados no espaço escolar como verdades absolutas, fazendo com que o aluno passe a repudiar determinadas condutas lingüísticas, a policiar-se quanto ao uso de determinadas expressões e, o mais grave: passe a reproduzir e a consagrar a política do preconceito lingüístico.

Além do que já comentamos, podemos afirmar que há, ainda, uma confusão inerente ao uso das expressões *norma culta* e *norma padrão*, que

vêm sendo normalmente tomadas como sinônimos, sobretudo na escola. Para Bagno (2006), confunde-se o uso real de falantes socialmente privilegiados (norma culta, para os lingüistas) com um modelo idealizado de língua (norma padrão). A propósito, o autor faz valer um questionamento em torno do próprio adjetivo “culto”, normalmente usado para denotar o saber lingüístico que vem das camadas socialmente privilegiadas da população.

Ao considerar essa concepção como preconceituosa, Bagno (2006) sugere a substituição da expressão “norma culta” por **variedades prestigiadas**, assim como da expressão “norma popular” por **variedades estigmatizadas**, deixando “claro que **a norma padrão não faz parte da língua**, não corresponde a nenhum uso real da língua, constituindo-se muito mais como um modelo, uma entidade abstrata...” (p. 106, grifos do autor).

E aí? Que mais a comentar? Muita coisa, mas estamos chegando ao final da aula de hoje e você já deve ter inferido como a convivência no espaço escolar pode, muitas vezes, contribuir para a consolidação de mitos lingüísticos, não é mesmo? Agora, é de se esperar um questionamento óbvio: *Mas, o que devemos fazer para minimizar esse tipo de conduta?* Bom, você já foi previamente aprovado (a) com essa pergunta, mas sobre esse assunto buscaremos refletir melhor na aula seguinte, ok?

### CONCLUSÃO

Agora, com a leitura e reflexão sobre o que comentamos há pouco, fica mais fácil para você discutir com alguém sobre o que é considerado “culto” para os lingüistas e o que a comunidade que prima por um ensino prescritivo entende por esse termo, certo? Pelo destaque dado a cada uma das questões abordadas, você percebeu que ainda temos muito que fazer para minimizar e, quiçá até inverter, esse quadro de natureza pouco científica que ganhou espaço social ao longo dos anos: o quadro do mito, da discriminação, da separação entre os que são lingüisticamente “capazes” daqueles que não o são. Bom, há um longo caminho pela frente, mas o importante é continuar insistindo nos passos já dados.

## RESUMO

Na aula de hoje, vimos, de modo geral, como tem sido desenvolvido o ensino da norma culta nas escolas de Educação Básica brasileiras. Assim, destacamos como essa instituição, responsável pela divulgação do saber científico e pela formação de cidadãos críticos, tem se comportado diante de mitos lingüísticos que a sociedade foi projetando ao longo dos anos. O que, como ficou claro nas linhas acima, ajuda, ainda mais, a separar os indivíduos que “sabem” a língua daqueles que não a dominam, ou seja, os “cultos” dos incultos”, os populares e/ou ignorantes. Entre esses mitos que a escola, gradativamente, ajudou (e, por vezes, ainda ajuda!) a ganhar espaço social, mereceram destaque os seguintes:1) “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”; 2) “Brasileiro não sabe português / Só em Portugal se fala bem português”; 3) Português é muito difícil”; 4) As pessoas sem informação falam tudo errado”; 5) O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”; 6) “O certo é falar assim porque se escreve assim”; 7) “É preciso saber gramática para falar e escrever bem”; 8) O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”. Pelo que expomos, todas essas assertivas se caracterizam como mitos por não apresentarem base de natureza científica que as respaldem. Além da discussão de cada um desses mitos, registramos também diferenças entre o que as pessoas, inspiradas numa tradição de ensino normativo da língua, entendem por *culto*, e o significado que os profissionais das ciências da linguagem atribuem a esse termo, além, claro, de apontarmos uma diferenciação entre este valor “culto” e aquele que é chamado de “padrão”, conceitos quase sempre tratados sinonimamente.



## PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALAMOS DE MITOS...



### A MITOLOGIA DO PRECONCEITO LINGÜÍSTICO

Marcos Bagno

Parece haver cada vez mais, nos dias de hoje, uma forte tendência a lutar contra as mais variadas formas de preconceito, a mostrar que eles não têm nenhum fundamento racional, nenhuma justificativa, e que são apenas o resultado da ignorância, da intolerância ou da manipulação ideológica.

Infelizmente, porém, essa tendência não tem atingido um tipo de preconceito muito comum na sociedade brasileira: o preconceito lingüístico. Muito pelo contrário, o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado”, sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos.

O preconceito lingüístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui. Outras afirmações são até bem-intencionadas, mas mesmo assim compõem uma espécie de “preconceito positivo”, que também se afasta da realidade. Vamos examinar algumas dessas afirmações falaciosas e ver em que medidas elas são, na verdade, mitos e fantasias que qualquer análise mais rigorosa não demora a derrubar.

Estou convidando você, a partir de agora, a fazer junto comigo um pequeno passeio pela mitologia do preconceito lingüístico. Quando o passeio acabar, isto é, quando tivermos terminado de examinar os principais mitos, vamos tentar refletir juntos para encontrar os meios mais adequados de combater esse preconceito no nosso dia-a-dia, na

nossa atividade pedagógica de professores em geral e, particularmente, de professores de língua portuguesa.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico** – o que é, como se faz. 23 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003a.

Ops!!! Acaso você já parou para pensar na existência de preconceitos lingüísticos? Sim? Não? Será que o assunto é invenção de Marcos Bagno? Vamos à leitura da aula?

Sobre o assunto, recomendamos, ao menos, a leitura das obras:

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolingüística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolingüística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. **Lingüística histórica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MATOS E SILVA, R. V. **“O português são dois...”**: novas fronteiras, velhos problemas. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

Como adquirir o exemplar?

Núcleo de Letras

UFS/ Campus Professor Alberto Carvalho, Itabaiana-SE

Fone: (79) 3432 – 8220

Falar com Janini (14 às 22h)

## PARA UMA LEITURA MAIS DIVERSIFICADA ...LEIA



Nesta obra, organizada pelas professoras Leilane Ramos da Silva e Raquel Meister Ko. Freitag, são apresentadas, entre outras, análises de alguns fenômenos lingüísticos (como o rotacismo: troca de ‘l’ por ‘r’, como em ‘broco’) em situações reais da comunidade do agreste central sergipano.

Como adquirir o exemplar?

Núcleo de Letras

UFS/ Campus Professor Alberto Carvalho, Itabaiana-SE

Fone: (79) 3432 – 8220

Falar com **Janini** (14 às 22h)

## ATIVIDADES



O texto que vem a seguir é a letra de uma das músicas de Adoniran Barbosa, o mesmo compositor de *Saudosa Maloca*, *O Samba do Arnesto* e *Trem das Onze*.

Domingo nós fumus  
Num samba no Bexiga  
Na rua Major  
Na casa de Nicola  
A “mezza notte o ‘clock”  
Saiu uma baita de uma briga

Era só pizza que avoava  
Junto coas brajola

Nóis era estranho no lugar  
E não quisemo se meter  
Não fumo lá pra brigá  
Nóis fumo lá pra comê  
Na hora h se infiemo debaixo da mesa  
Fiquemo ali de beleza  
Vendo o Nicola brigá  
Dali a pouco escutiemo a patrulha chegar  
E o sargento Oliveira falar  
Num tem portância  
Vô chamando a ambulância.

Aí ele disse assim:  
Carma, pessoar,  
A situação aqui ta  
Muito cínica:  
Os mais pior vai pras Crínica.

Extraído de *Elis Regina no fino da bossa*. V. 3, faixa 7, V3. CD.

1. A composição trabalhada também evidencia a afirmação de Bechara (1997, p.15) de que “uma língua histórica não é um sistema homogêneo e unitário, mas um diassistema...”. Em que consiste essa afirmação?

## COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Você pode até não saber, precisamente, o que representa um diassistema, mas isso não chega a ser tão emergente no trato com essa questão, afinal... Afinal o quê? Ora, ora, ora, tratamos, na aula de hoje, de alguns mitos lingüísticos que foram cristalizados ao longo dos anos na sociedade. Entre esses, destacamos (aliás, como primeiro deles!) o de que “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente” e, pelo que discutimos, isso não tem nada a ver, não é mesmo? A composição acima deixa isso ainda mais claro para nós. O compositor explora inúmeros recursos lingüísticos ligados ao falar caipira do Estado de São Paulo que ilustram, sem margem de dúvidas, a riqueza da diferença, da não homogeneidade na língua portuguesa, certo? Pois bem, o que Bechara destaca na fala acima é exatamente essa questão: as línguas, por passarem por estágios de evolução os mais variados e, claro, por conviverem nesses períodos com diferentes formas de falar, são sistemas heterogêneos, apresentando diferenças (de fala, vocabulário...), ao contrário do que muitos querem nos fazer acreditar. Se começarmos a contrastar alguns dos falares característicos dos Estados brasileiros (ave Maria! rs), ficaremos maravilhados com tamanha diferença. Agora, se alguém aqui quiser saber, tecnicamente, o que representa um **diassistema**, recomendamos, na íntegra, a leitura da obra **Ensino de gramática**. Opressão? Liberdade?, do Evanildo Bechara. Outra saída: que tal consultar um dicionário de lingüística? Bom trabalho!

Adoniran Barbosa nasceu em 06 de agosto de 1910, em Valinhos, SP. Foi um colecionador nato de apelidos. Seu verdadeiro nome era João Rubinato - mas cada situação por ele vivida o transformava num novo personagem numa nova história.

Ele nos conta a vida de um típico paulistano, filho de imigrantes italianos, a sobrevivência do paulistano comum numa metrópole que corre, range e solta fumaça por suas ventas. Através de suas músicas, canta passagens dessa vida sofrida, miserável, juntando o paradoxo bom humor / realidade - para quê lamúrias?

Tirou de seu dia a dia a idéia e os personagens de suas músicas. *Iracema* nasceu de uma notícia de jornal - quando uma mulher havia sido atropelada na Avenida São João.

Adoniran nasceu e morreu pobre - todo o dinheiro que ganhou gastou ajudando ou comemorando sucessos com os amigos - seu combustível era a realidade – por que então querer viver fora dela? Talvez soubesse que o valor maior de suas canções eram interpretações como a de Elis ou Clara Nunes.

Foi um grande colecionador de amigos, com seu jeito simples de fala rouca, contador nato de histórias, conquistava o pessoal do bairro, dos freqüentadores dos botecos onde se sentava para compor o que os cariocas reverenciaram como o único verdadeiro samba de São Paulo. Mais do que sambista, Adoniran foi o cantor da integridade.

*Susana Gigo Ayres*

Informações disponíveis em: <http://www.mpbnet.com.br/musicos/adoniran.barbosa>

### MATTOSO CÂMARA JR

Mattoso Câmara Jr., pai da Linguística no Brasil, desenvolveu, em sua *Estrutura da língua portuguesa* (1997), um estudo descritivo sobre o sistema pronominal do Estado do Rio de Janeiro. Tal estudo já demonstrava alterações cruciais no sistema pronominal português consagrado pelos puristas, apontando a co-existência de “usos” distintos aplicados a algumas formas pronominais, como o caso de vós (ou P5, como trata o autor), nas mais diversas instâncias de comunicação cariocas.

Cavalière (2005) destaca que o fenômeno da assimilação vocálica tem datação distante, aparecendo em texto galego do século XII: “(...) e esto porque os V sintidos que Deus he deu co que fezess~e todos os seus feytos (...)” (NUNES, 1970:6)”

### PRÓXIMA AULA



Quem aqui sabe, de fato, o que abordaremos na próxima aula? Sim? Não? Bom, voltaremos a insistir na mesma tecla, dando uma ênfase ao conceito de variação linguística e, claro, destacando como este fenômeno vem sendo tratado nas escolas de Educação Básica do país.



## AUTO-AVALIAÇÃO

Oiii, mais uma vez, o espaço é destinado à sua análise sobre seu próprio rendimento nesta aula. Será que você se deu bem? Volte ao início da aula e leia os objetivos previstos. Como você se

auto-avalia em cada um deles? Exemplo: “Eu consigo descrever os principais aspectos inerentes ao ensino da norma culta desenvolvido na escola nos dias de hoje?”, “Eu consigo identificar os mais destacados mitos e preconceitos lingüísticos veiculados pela sociedade atual?” (...) Pense na escala (0 a 10 ou 0% a 100%) usada nas aulas 3 e 4 e boa sorte! Abraços e até a aula seguinte!



## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico** – o que é, como se faz. 23 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003a.

\_\_\_\_\_. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola, 2003b.

\_\_\_\_\_. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística**. São Paulo: Parábola, 2006.

BRITO, Luiz Percival Leme. **A sombra do caos: ensino de língua x tradição gramatical**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1997.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática**. 13 ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 1986.

\_\_\_\_\_. **Estrutura da língua portuguesa**. 26 ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 1997.

CAVALIÈRE, Ricardo. **Pontos essenciais em fonética e fonologia**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa** – Séc. XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. (versão 3, edição em CD ROM).

MENEZES, Humberto Peixoto. A gramática normativa e a formação do professor de português. In: MOITA LOPES, L. C; MOLICA, Maria Cecília (orgs.). **Espaços e interfaces da lingüística e da lingüística aplicada**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995. pp. 81 – 87.

POSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1996.

VERÍSSIMO, L. F. O gícolô das palavras. In: LUFT, Celso Pedro. **Língua e liberdade: por uma nova concepção da língua materna e seu ensino**. Porto Alegre – RS: L&PM, 1985.

Endereço eletrônico:

<http://www.mpbnet.com.br/musicos/adoniran.barbosa>